

Analisando uma leitora: reflexos do hábito da leitura

Analyzing a Reader: Reflections of the Reading Habit

Maria Tereza Cavalcante da S. Mota | mt_mota@id.uff.br

Graduanda em Biblioteconomia pela UFF

Resumo Apresenta uma análise de uma entrevista gravada pelo Museu Virtual da Leitura, projeto proposto pelo professor Joaci Pereira Furtado na disciplina “Indústria editorial do livro”. Disserta sobre a vivência da entrevistada, Jennifer, em relação ao seu contato com os livros, desde a infância. Aponta os benefícios do contato regular com as obras, um dos reflexos decorrentes da leitura durante o crescimento, relacionando tais fatores com a experiência adquirida por Jennifer ao longo de seu desenvolvimento. Reflete sobre algumas memórias da entrevistada, correlacionando-as com seus gostos e hábitos de leitura, buscando compreender a importância de uma memória afetiva na formação de um leitor assíduo, conforme Daniel Pennac e outros autores importantes que se escreveram sobre o assunto. Aborda também o abrangente uso da literatura infantil e reflete o papel da escola e da biblioteca na formação do(a) leitor(a).

Palavras-chave leitura; hábito; livro; entrevista; memória afetiva

Abstract It presents an analysis of an interview recorded by Museu Virtual da Leitura, a project proposed by teacher Joaci Pereira Furtado in the “Indústria editorial do livro” discipline. It talks about the experience of the interviewee, Jennifer, in relation to her contact with books, since childhood. It points out the benefits of regular contact with the literary books, one of the reflexes arising from reading during growth, relating these factors to the experience gained by Jennifer throughout her development. It reflects on some of the interviewee’s memories, correlating them with her reading tastes and habits, seeking to understand the importance of an affective memory in the formation of an assiduous reader, According to Daniel Pennac and other important authors who have written about the subject. It also addresses the use of children’s literature and reflects the role of the school and the library in the formation of the reader.

Keywords reading; habit; book; interview; affective memory

1. Introdução

O Museu Virtual da Leitura é um projeto de extensão criado e coordenado por Joaci Pereira Furtado, professor do Departamento de Ciência da Informação da UFF, ativo desde fevereiro de 2016. Esse projeto consiste na recolha em vídeo de depoimentos de pessoas que gostam de ler. As gravações são conduzidas por alunos(as) da disciplina “Indústria editorial do livro”, oferecida pelo Departamento como obrigatória para os(as) graduandos(as) em Biblioteconomia e Documentação. A atividade integra as avaliações da disciplina, ao final de cada semestre. Os vídeos, com duração média de quinze minutos, são disponibilizados no canal do Museu no YouTube e é acessível a qualquer interessado(a). Até o momento, o MVL reúne 132 vídeos.

Entre os depoimentos, há um gravado em junho de 2019 pelos estudantes Felipe Vasques Granado de Oliveira e Lucas Ribeiro de Almeida, que registra a vivência da leitora Jennifer. Ela trabalha como recepcionista e nasceu em Cordeiro, interior do Rio de Janeiro, em fevereiro de 1990. Aprendeu a ler com seis anos e seus gêneros favoritos são “ficção” e “romance”. Esse foi o depoimento escolhido como objeto de análise.

O estudo busca correlacionar o depoimento da entrevistada com fatores estudados na Biblioteconomia, entender como seu hábito de leitura se fortaleceu e quais pontos contribuíram para sua formação como leitora. Examina cuidadosamente os relatos da depoente, seccionando a análise em duas partes com o propósito de observar com mais detalhe as fases de sua vida literária. São elas: infância, para entender suas memórias afetivas e influências familiares; e adolescência, a fim de analisar o papel da escola em sua formação.

O presente artigo foi fundamentado teoricamente segundo o aporte bibliográfico na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, objetivando compreender conceitos relacionados ao hábito da leitura, reflexos de uma vivência literária, memória afetiva e consequências do incentivo ao contato com as obras no período infanto-juvenil. Tais reflexões são pautadas nas obras de Daniel Pennac, João Luis Ceccantini, Marisa Lajolo, Marcos da Veiga Pereira e outros autores, utilizando, a fim de exemplificar, os relatos da leitora entrevistada, Jennifer.

É imprescindível lembrar que a leitura é uma prática essencial, uma base que corrobora para o conhecimento em todos os âmbitos da vida. Na formação de um indivíduo, a leitura é uma peça essencial que dá suporte a todas as áreas, além de ser prazerosa a quem a consome. O ato de ler abre portas e quebra barreiras de tempo e distância, ensina, constrói e incentiva, serve de ponte entre pessoas das mais variadas idades e proporciona que a informação perdure através dos séculos. É como o escritor Daniel Pennac expressou em uma de suas obras: “Uma leitura bem levada nos salva de tudo, inclusive de nós mesmos” (PENNAC, 1998, p. 81).

2. Analisando a leitora

2.1. Infância

No começo da entrevista, ao ser indagada sobre qual o primeiro livro que leu, a entrevistada Jennifer explica que foi *O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, sendo um de seus prediletos. O mesmo foi apresentado por seu pai e desde pequena ela tem muito apreço pelo título. Diz ela: “É um dos meus livros favoritos, eu adorei ler e foi surgindo, a vontade de ler”.¹ *O pequeno príncipe*, citado por ela, é um livro dinâmico que traz ensinamentos importantes, sendo muito recomendado para crianças e adolescentes. Sampaio (2016, p. 4) explica em seu artigo a riqueza deste livro.

Ressaltamos também que o livro *O pequeno príncipe*, de maneira criativa, possibilita ao leitor refletir e ampliar a visão sobre o mundo atual. Prevalece, assim, no livro uma visão estética, lúdica e crítica, sem se prender ao didatismo que a reflexão sobre as consequências dos nossos atos cotidianos poderiam evocar.

É perceptível o valor que essa primeira obra tem na vida da entrevistada, seja pela memória nostálgica ou pelo sentimento acolhedor, já que o exemplar que ela leu era de seu pai, que o havia ganhado quando criança; é como diz Daniel Pennac (1998, p. 84) em seu livro *Como um romance*: “Aquilo que lemos de mais belo deve-se, quase sempre, a uma pessoa querida”. Com efeito, receber uma recomendação de alguém por quem se tem consideração é como receber um ato de carinho. O autor prossegue: “quando uma pessoa querida nos dá um livro para ler, é a ele quem primeiro buscamos nas linhas: seus gostos, as razões que o levaram a nos colocar esse livro entre as mãos” (1998, p. 84). Esse fator esteve sempre presente na vida da entrevistada, é possível perceber em sua fala: “quando eu fui morar com meus pais eles liam muito e me incentivavam muito, falavam: ‘olha, leia esse daqui’”.

É de extrema importância que a leitura seja incentivada na fase da infância, com o objetivo de perdurar o hábito durante toda a vida, e essa tarefa requer apoio familiar e pedagógico. No caso da Jennifer, o pai foi o grande influenciador para que ela desenvolvesse ainda mais afeição pela leitura e isso foi essencial para sua formação. Nota-se quando ela expõe em sua fala: “foi o meu pai que me apresentou, ele tinha já esse livro desde novo e eu adorei [...] ele chegava e falava assim: ‘olha esse aqui, você vai gostar de ler’”. Pesquisas apresentadas por Lajolo (2016, p. 125) no livro *Retratos*

1 Museu Virtual da Leitura. *Jennifer*. YouTube, 30 jun. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lmOujLWvYE>>. Acesso em: 12 abr. 2021. Todas as citações do depoimento foram retiradas desse vídeo.

da leitura no Brasil 4, relatam que é recorrente que a figura da mãe influencie os filhos no âmbito da leitura. Logo em seguida vem os professores e a figura paterna.

Quinze por cento – porcentagem mais modesta e menos autosuficiente – atribui à figura materna (feminina) o incentivo à leitura; 10% atribui a professores e 6% à figura paterna (masculina). Outras figuras mencionadas incluem parentes, líderes religiosos, companheiro/a, etc.

A Jennifer compõe o grupo de pessoas que foram influenciadas pela figura paterna. Ela conta que começou a ler assim que se mudou para a casa dos pais, aos oito anos, e lhe foi oferecida a primeira obra. A partir desse primeiro contato, sua convivência com os livros aumentou, principalmente os armazenados no armário da sala de estar de sua casa. São notáveis a afeição e o carinho ao lembrar-se desses registros de sua infância, as chamadas “memórias afetivas”. Pereira (2016, p. 7) explica que as memórias afetivas têm um papel importante na formação de um leitor assíduo.

É difícil, afinal, um leitor assíduo não resgatar memórias afetivas, por vezes vindas da infância, ao falar sobre obras que marcaram sua vida. E é igualmente difícil ter um olhar otimista quando se sabe que muitos leitores em potencial não terão essas lembranças; e que outros, tardiamente, tentam ainda reconhecer-se leitores.

Esse processo aconteceu com a entrevistada. Ela relata, inclusive, algumas memórias de infância: “quando eu era pequena, antes de eu aprender a ler, quem lia para mim era meu avô”. Outro exemplo de figura masculina presente na formação literária de Jennifer. Ela prossegue: “minha madrinha me deu alguns livros que ela trouxe da Disney, eram livros que tinham imagens, tinha João e Maria, sobre o Mickey, e esses livros vinham até com uma fita cassete”.

O ato de ler para a criança, embora pareça simples, é extremamente importante para sua formação, pois pode ser a porta de entrada para o gosto pela leitura, provocando inclusive o interesse em aprender a ler rapidamente. É possível que essa ação seja realizada pelos pais, professores, avós — como no caso de Jennifer —, profissionais da informação durante ações culturais, por responsáveis pela criança, entre outras situações. É como expressa Daniel Pennac (1998, p. 20, destaque no original): “Nós abrimos formidavelmente seu apetite de leitor. A tal ponto, lembremos, a tal ponto *que ele tinha pressa em aprender a ler*”.

Embora Jennifer tenha sido incentivada, algumas crianças aprendem de outras formas a apreciar os livros. A literatura infantil é uma grande aliada para os profissionais que trabalham com crianças, pois são obras que lidam de forma lúdica com assuntos importantes. Sarah Helena (2019), psicóloga que integra o projeto

Leiturinha, explica onde podem ser empregados os livros infantis: “desde as salas de aula até as clínicas fonoaudiológicas, sendo recomendado inclusive pela Sociedade Brasileira de Pediatria, na prática de médicos pediatras”. Tais livros podem abordar assuntos familiares como separação dos pais, mudanças, ansiedade e demais temas; ajudam a criança a lidar com os assuntos, complementando um auxílio terapêutico.

Há quem diga que ler salva vidas. Existem crianças que encontram refúgio nos livros para se absterem de sua realidade, usam sua imaginação para vivenciar a grandeza de estar na pele de um personagem e encontrar sentido na vida. Apreciam a leitura como um conforto, um afago e entendem da forma mais pura a grandiosidade e a beleza de se ler um livro. Essa situação pode ser exemplificada com louvor ao analisar uma série de televisão canadense denominada *Anne with an E2*. O enredo é ambientado em meados do século XIX, a personagem principal, Anne, é uma criança órfã que vivencia uma realidade em que perambula entre casas de estranhos e orfanatos, sempre sendo tratada da pior e inimaginável forma.

Ela encontra nos livros a possibilidade de abandonar por alguns minutos sua triste realidade e enfrentar de forma lírica tudo o que lhe é proposto, aprendendo palavras novas e lições tiradas de suas leituras. Anne sempre se expressa com imaginação e brilho nos olhos. Ela diz: “ler é tudo, todo livro tem um mundo inteiro ali dentro, tem aventura, romance, navios, tiroteios, cavalheiros, você nunca sabe o que vai acontecer até começar. Você pode ser qualquer um, ir a qualquer lugar. Ler pode salvar sua vida”. E realmente Anne suporta e sobrevive à sua difícil vida através de suas leituras, até ser entregue por engano para viver com dois irmãos, uma senhora e um senhor, ambos solteiros. Rapidamente, sua personalidade brilhante, incentivada pelos livros, vai conquistando toda a cidade de Avonlea. Por causa dos livros, Anne lida com seus traumas de forma leve e pura, deixando ensinamentos para os que vivem ao seu redor.

Com isso, visto a funcionalidade e as diversas vantagens da leitura na fase da infância, são perceptíveis, mesmo que em situações diferentes, os efeitos positivos que ler gerou na vida de Anne, personagem fictícia, e de Jennifer, o foco dessa análise. A entrevistada se tornou uma leitora assídua, possibilitando que guardasse memórias afetivas e, de alguma forma, todas elas marcaram sua trajetória como leitora e é por isso que ela guarda essas lembranças e ainda aprecia o primeiro livro que leu: *O pequeno príncipe*.

2.2. Adolescência

Já na adolescência, além dos materiais aos quais tinha acesso em casa, Jennifer conta que, ao longo de seu crescimento, passou a ser muito assídua à biblioteca escolar, na qual realizava empréstimos domiciliares a fim de apreciar a leitura em sua sala de estar ou até mesmo nos ambientes do colégio. Ela retrata: “eu lia muito na biblioteca da escola, era o lugar que eu mais ficava, [...] a minha ficha da biblioteca era a mais requisitada eu estava sempre na biblioteca”. A partir desse fato, é possível afirmar que a biblioteca escolar também foi uma grande aliada na formação dela como leitora, já que é nítido o papel e a importância dessa unidade de informação no âmbito educacional. Alencar (2012, p. 3) descreve com exatidão a função da biblioteca escolar na preparação do aluno.

Um das funções primeiras da Biblioteca Escolar é que esta atue como órgão auxiliar e complementar da escola, fazendo com que os alunos tenham livre acesso aos livros. Que disponibilize orientação clara e precisa para o estudo, ajuda para a solução de problemas e das atividades desenvolvidas em classe e dar suporte às pesquisas. Deve ser um espaço aberto e de livre acesso. Ela torna-se de fundamental importância na contribuição para preparar o aluno desde cedo não só para compreender a valorização do conhecimento produzido pela natureza humana, mas especialmente, para saber usar esse conhecimento.

Com o apoio pedagógico dos professores ou o incentivo no âmbito familiar, a biblioteca escolar cumpre o papel de orientar pesquisas e solucionar questões do jovem usuário. Por mais que exista a tendência em achar que crianças e jovens não gostam de ler, pesquisas indicam o contrário. Analisando a oferta e produção de livros infantis e juvenis, o número de títulos publicados é mais elevado em relação aos livros adultos, o que indica a alta incidência da leitura de obras na faixa etária mais jovem. Ceccantini (2016, p. 89) mostra esse dado em sua pesquisa.

Enquanto o número de títulos publicados de literatura adulta teve, em sete anos, um crescimento de cerca de 17,7% e o de literatura infantil um crescimento de cerca de 123,4%, no caso da literatura juvenil o crescimento foi bem mais acentuado: 167,5%. Esse “subgênero” literário, com destinação aos jovens, mostra-se extremamente vigoroso, assegurando uma diversidade de obras bastante relevante para a escolha pelos jovens leitores.

O fator mostra a importância de leitores como a Jennifer, que consomem obras desde a infância. A entrevistada explica que, quando a série de livros *Harry Potter*

surgiu, ela ganhou o primeiro livro como presente de Natal e se apaixonou pelas histórias escritas por J. K. Rowling. Ela conta esse fato com brilho no olhar, quando diz: “*Harry Potter* foi um dos meus livros favoritos”. Por mais que não tenha sido influenciada por muitos professores ao longo de sua juventude, ela relembra com carinho de uma única educadora da quinta série que a incentivou a ler, e desde então sempre esteve em busca de novas aventuras literárias. Ela conta: “eu tinha uma professora que me incentivava a ler, mas isso nem sempre acontecia, [...] nem sempre os professores incentivavam a ler”. Um bom profissional da educação marca com êxito a vida do estudante, podendo até fazer parte de sua memória afetiva. Então, se a incidência da leitura de obras na faixa etária infanto-juvenil demonstrou um forte crescimento, o que desencoraja os alunos a perpetuar seus hábitos de leitura?

O sistema da educação em geral trata a leitura como um dever do aluno. Pennac (1998) escreve em seu livro *Como um romance*, já citado, que a leitura na adolescência, oferecida pela escola, é tratada muitas vezes como uma obrigação, o que pode acarretar um bloqueio por parte do estudante. O autor explica ainda que “o verbo ler não suporta o imperativo” (PENNAC, 1998, p. 13). Tal afirmação se mostra com excelência, já que a imposição da leitura por obrigação pode remover o prazer que se sente ao ler ou até mesmo fazer com que não se leia. “Vá para o seu quarto e leia! Resultado? Nulo. Ele dormiu em cima do livro” (PENNAC, 1998, p. 13).

O ato da leitura como obrigação torna-se muitas vezes um pesar; o estudante conta as páginas para verificar se já está no final do livro, vaga pelas linhas desejando fazer tudo menos estar ali. Esse ofício delongado provavelmente resultará em um afastamento das obras literárias, tratando-as como um dever, um compromisso, uma “chatice da escola”. Tal sentimento é registrado com veemência por Pennac (1998, p. 22), quando descreve uma situação mostrando a fadiga de um adolescente ao ler um livro passado como dever pela escola.

Ei-lo agora, adolescente recluso em seu quarto, diante de um livro que não lê. Todos os seus desejos de estar longe erguem, entre ele e as páginas abertas, uma tela esverdeada que perturba as linhas. [...] Página 48. Ele não tem coragem de contar as horas passadas para chegar a essa quadragésima oitava página. O livro tem exatamente quatrocentas e quarenta e seis. Pode-se dizer 500 páginas! Se ao menos tivesse uns diálogos, vai. Mas não! [...] E segue o bloco de doze páginas! Doze páginas de tinta preta! Falta de ar! Ufa, que falta de ar! [...] Se ao menos conseguisse lembrar do conteúdo dessas primeiras quarenta e oitos páginas!

Talvez aquela não fosse a hora desse adolescente ler esse livro, ou simplesmente não seja do seu gosto literário, já que “a cada leitor o seu livro”³. Quem sabe lhe agradaria mais se ele iniciasse a saga *Percy Jackson* ou *Harry Potter*, como aconteceu com Jennifer; às vezes, apenas tirando do contexto “obrigação” e “dever” o livro ganha outros ares aos olhos do jovem leitor. Mesmo que, de fato, signifique algo valioso colocar um livro nas mãos de um aluno, é necessário saber filtrar, intermediar e instigar, despertando a chama da leitura, apresentando-a de forma atrativa, como de fato é. Em seu período escolar, Jennifer experimentou essa situação, ela conta: “[...] tem professor que fala ‘você tem que ler isso, porque é isso que eu vou dar de conteúdo’, mas tem uns que chegam em aula e começam a te incentivar a ler, começam a contar a história de uma forma que te incentiva, então quando você pega para ler, acaba sendo uma coisa prazerosa”.

Embora seja necessário abordar o conteúdo referente à gramática, escrita, gêneros literários ou assuntos mais técnicos, é preciso cativar antes para que os livros não se tornem um encargo. O autor Daniel Pennac compartilha sua experiência em sala de aula: “no momento, leio romances para um auditório *que acredita não gostar de ler*. Nada de sério se poderá ensinar enquanto eu não tiver dissipado essa ilusão [...]” (PENNAC, 1998, p. 122). Certamente, ler em voz alta para os alunos é uma boa alternativa para tornar atrativa a experiência, sugerir uma leitura em grupo ou até mesmo propor que os alunos transformem o livro em uma peça de teatro. Talvez, tratada dessa maneira, a leitura seja apresentada de modo menos “quadrado” aos estudantes.

Sendo assim, ainda que Jennifer seja uma leitora assídua desde a infância, sua professora da quinta série conseguiu contribuir positivamente em sua caminhada literária. Pennac, também professor, aborda sua vivência em relação aos estudantes, neste trecho é possível identificar uma semelhança com a trajetória da entrevistada: “aqueles entre os nossos alunos que descobriram um livro por outros meios continuaram simplesmente a ler” (1998, p. 122). Então, apesar da maioria de seus professores não estimularem a leitura ou de a apresentarem como um dever, Jennifer já havia conhecido a singularidade e o deleite de se ler um bom livro e isso não a fez esmorecer.

3. Livros e hábitos de leitura

Atualmente Jennifer ganha muitos livros, vai a livrarias em busca de conhecer novos títulos, raramente lê resenhas, mescla livros nacionais e estrangeiros, lê dois livros por mês — dependendo da leitura e do tamanho das obras — e adquire seus exemplares em livrarias e sebos, embora prefira livros novos (pelo estado físico impecável). A entrevistada conta que se enxerga como uma leitora ávida devido ao seu

3 Uma das leis de Ranganathan, segundo seu livro *The Five Laws of Library Science*, de 1931.

crescimento com a leitura desde a infância e pela quantidade de livros que tem em casa. Prefere ler em silêncio e às vezes em voz alta. Lê no ônibus, antes de dormir, no intervalo de aula e “quando dá tempo”.

Todos esses hábitos e preferências de leitura foram adquiridos no passar dos anos em sua evolução como leitora e apreciadora de um bom entretenimento. Cada leitor desenvolve manias e gostos diferentes, que auxiliam na percepção, na absorção de informação e por fim na obtenção de conhecimento. Além disso, esses costumes proporcionam um crescimento pessoal e um propósito significativo na formação humana. Keith Oatley, professor de psicologia cognitiva na Universidade de Toronto, afirma num artigo que “leitores podem se tornar mais capazes de empatizar e compreender outras pessoas, e mais capazes de compreender e mudar a si próprios” (OATLEY, 2016, p. 236). Também apontando as vantagens do hábito de leitura, Pereira (2016, p. 6) aborda perfeitamente:

Além de inquestionável propulsor do saber, o livro precisa ser valorizado como importante fonte de crescimento pessoal e de entretenimento. Esses fatores também ajudam a criar estofo para uma formação humana e crítica que, numa dimensão coletiva, aliada à educação de qualidade, pode conduzir ao progresso.

Evidentemente, com o tempo e a prática, Jennifer foi especificando seus gostos literários, o que a fez descobrir uma literatura brasileira atual, diferente da que teve contato em sala de aula, ela explica: “eu lia muito livro estrangeiro, mas conforme os anos foram passando, eu descobri uma nova literatura brasileira”. No momento da gravação ela estava lendo *O professor*, de Tatiana Amaral, que compõe um de seus estilos preferidos, o chamado *Hot-Seller*⁴. É fascinada com as produções de Renata Ventura e costuma reler livros dos quais guarda boas memórias como a saga *Harry Potter*, *50 tons de cinza* e *Sherlock Holmes*.

A livraria cumpre um papel importante na vida da entrevistada, pois é onde ela obtém a maioria de seus livros; ela passa horas vendo sinopses, capas e contracapas, acolhida no sofá do ambiente, se deleitando com leituras prévias, numa análise para concluir se leva a obra ou não. Jennifer menciona: “a maior parte dos livros que eu tenho hoje em dia eu ganho, eu adoro ganhar e dar livros de presente também”, prontamente prossegue: “gosto de ir na livraria, fico horas dentro se deixar, eu me perco, vou olhando capas de livros e se me interessar eu levo”. Ao ser questionada se já havia comprado um livro pela capa, ela responde que sim: comprou o título *Comer, rezar e amar* pelos detalhes da capa e da contracapa. A etapa da escolha do livro, seja qual for o critério, faz parte das particularidades de um leitor.

4 Livros de romance com temáticas picantes para adultos.

No último ano, Jennifer releu alguns livros que estiveram presentes em sua infância e adolescência, como *Harry Potter: o enigma do príncipe*. Ela relata: “toda vez que você lê um livro, você pega alguma coisa que não pegou da primeira vez que você leu”. Ler novamente obras que habitam memórias é resgatar parte de sua trajetória literária. Em um ato explicitamente nostálgico, o leitor obtém sensações antigas, lembranças e muitas vezes novas percepções referentes ao livro lido, como relatado pela entrevistada. Rer uma obra é transportar-se para um universo já familiar e antes explorado, retomando recordações e captando detalhes. Como ensina Pennac (1998, p. 57), “reler não é se repetir, é dar uma prova sempre nova de um amor infatigável”. Assim, como reflexo de toda sua trajetória literária, Jennifer adquire seus hábitos como leitora e os mesmos auxiliam em todos os âmbitos de sua vida, ela enxerga o ato com carinho e conclui: “eu entro de cabeça na leitura, não tem jeito”.

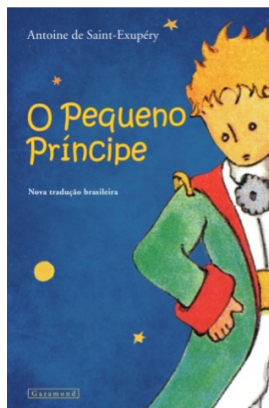
4. Considerações finais

Jennifer é um exemplo vivo de leitora assídua desde sua infância, demonstrando os benefícios de começar a ler cedo, a importância do apoio familiar e o papel da biblioteca escolar na formação de jovens leitores. É o retrato de uma boa leitora, possuindo uma relação com seus livros, memórias e várias histórias para contar. “Assim, ele descobriu a virtude paradoxal da leitura que é nos abstrair do mundo para lhe emprestar um sentido” (PENNAC, 1998, p. 57).

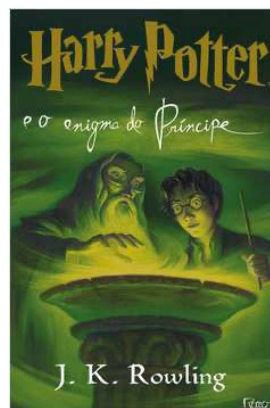
A entrevistada foi cativada pela leitura logo cedo e teve suporte para preservar essa chama ao longo de seu crescimento, mas nunca é tarde para voltar ou até começar a ler. A relação com os livros é um ato íntimo, despreocupado e leve, não é necessário muito, apenas estar aberto a novos horizontes. “Uma só condição para se reconciliar com a leitura: não pedir nada em troca. Absolutamente nada. Não erguer nenhuma muralha fortificada de conhecimentos preliminares em torno do livro. Não fazer a menor pergunta” (PENNAC, 1998, p. 121).

Ler é investir tempo em você, em seus gostos, em sua essência, em seu eu mais intrínseco e também é algo simples como entreter-se durante uma sala de espera para passar a hora. Essa é a beleza da leitura: ser simples e complexa ao mesmo tempo. Ler é um refúgio, um aconchego, um passatempo, a possibilidade de experimentar a vida de outras perspectivas e abandonar até as maiores preocupações. De página em página, o tempo escorre pelas linhas e de gota em gota, de letra em letra, as palavras enchem a mente e conduzem a um mundo instigante e totalmente novo. Ler pode salvar sua vida. É preciso apenas dar a chance.

5. Memórias de Jennifer



SAINT-EXUPÉRY, Antoine de.
O pequeno príncipe. Rio de Janeiro, Garamond, 2004, 96 p.



ROWLING, J. K. *Harry Potter e o enigma do príncipe*. Rio de Janeiro, Rocco, 2005, 512 p.

Referências

- ALENCAR, Elisvânia Rodrigues de. *Bibliotecas escolares como espaço de saber e interação social: um estudo nas escolas públicas de Farias Brito-CE*. Encontro Nacional de Estudantes, v. 15, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/mo_ci/article/download/17468/14251/48608>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- ANNE *with an E*. Moira Walley-Beckett. Canadá, 2017. Serviço de streaming. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/80136311>>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- CECCANTINI, João Luis. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro, Sextante, 2016, p. 99-112.
- HELENA, Sarah. *13 livros infantis que vão fazer a diferença na prática de psicólogos*. Blog Leiturinha, 2019. Disponível em: <<https://leiturinha.com.br/blog/livros-infantis-para-psicologos/>>. Acesso em: 5 jun. 2021.
- LAJOLO, Marisa. Números e letras no mundo dos livros. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro, Sextante, 2016, p. 113-126.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- Museu Virtual da Leitura. *Jennifer*. YouTube, 30 jun. 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/lmOuJlLWYE>>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- OATLEY, Keith. Imagination, inference, intimacy: The psychology of pride and prejudice. *Review of General Psychology*. 2016, p. 236-244. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/gpr0000076>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. Leny Werneck. 4. ed. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.
- PEREIRA, Marcos da Veiga. Transformar o retrato da leitura no Brasil – um desafio da sociedade brasileira. In: FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil 4*. Rio de Janeiro, Sextante, 2016, p. 99-112.
- SAMPAIO, Flávia Alves et al. A leitura d’*O pequeno príncipe* como incentivo na formação do leitor. *Anais VI ENLIJE*. Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25857>>. Acesso em: 12 abr. 2021.